



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

Leitura no ensino técnico: o que pensam os docentes?

ADRIANA NUNES DE SOUZA

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO: A leitura é tema frequente nas discussões entre docentes, este artigo trata da visão que de disciplinas técnicas do Ensino Médio Integrado têm da leitura como elemento facilitador da apre suas aulas, qual a importância que são a ela no processo de ensino. Para isso, foi feita uma co através de entrevistas filmadas com docentes de um campus do Instituto Federal de Alagoas. I pesquisa de doutorado, as entrevistas revelaram que, embora os docentes reconheçam a importâi no processo ensino-aprendizagem, eles desconhecem a teoria linguística e as técnicas de leitura. analisaremos os dados encontrados na coleta e discutiremos a leitura como facilitadora da apr educação técnica de nível médio. **Palavras-chave:** leitura e estudo, ensino técni ensino-aprendizagem. **ABSTRACT:** Reading is frequent topic in discussions between teachers, thi with the view that teachers of technical disciplines of the Integrated High School have reading as learning element in their classes, how important is it in the teaching process. For this, a data collec through filmed interviews with teachers of a campus of the Federal Institute of Alagoas. Stage research, interviews revealed that although teachers recognize the importance of reading in the tea process, they are unaware of the linguistic theory and reading techniques. In this article, we an found in the collection and discuss reading as a facilitator of learning in middle-level technic **Keywords:** reading and study, technical education, teaching-learning process.

Este artigo é fruto de uma etapa da pesquisa de doutorado que realizo para o programa de doutor de Educação da Universidade Federal de Alagoas e consiste na análise das entrevistas realiz docentes voluntários da pesquisa, assim torna-se importante expor os critérios utilizados para voluntários. Trabalhando com docentes que lecionam disciplinas da área técnica de seus curs

primeiro critério; o segundo refere-se ao reconhecimento profissional dos professores, e reconhecer-se como tal, isto se deve ao fato de que a maioria dos docentes da área técnica diz se cientista da computação, turismólogo e não professor. O terceiro critério fundamental para a pesquisa é selecionar professores que trabalhem com textos em sua aula, que recomendem a leitura de textos da sua área; o quarto critério foi o de selecionar voluntários que tenham afinidade com a Educação e interessem pela área pedagógica e não apenas em sua área específica. Isso é importante, pois as questões ligadas ao processo de ensino e aprendizagem. Na pesquisa, foram entrevistados quatro professores de um Campus do Instituto Federal de Alagoas, todos eles são servidores efetivos e exercem os seus respectivos períodos diferentes desde iniciantes com um ano de experiência a professores com mais de 10 anos de experiência. Foram feitas perguntas relacionadas à formação dos participantes e à sua prática docente buscando informações a respeito de questões pedagógicas e vinculadas a temática da pesquisa a fim de avaliar o papel como facilitadora da aprendizagem na educação técnica. Toda a entrevista foi gravada em áudio para não se perdessem quaisquer informações relevantes à análise que se deseja fazer. O roteiro da entrevista foi o seguinte:

- Qual a sua formação?
- Já fez algum curso direcionado à docência na educação básica?
Em que nível?
- Costuma frequentar eventos voltados para a docência?
- Há quanto tempo leciona?
- Atua na modalidade do Ensino Médio Integrado há quanto tempo?
- Participou da transição CEFET/IF?
Como você sentiu essa transição?
(caso não tenha vivenciado, perguntar se sente diferença ao lecionar no EMI e em outras escolas em que tenha atuado)
- Qual a sua compreensão de Ensino Médio Integrado?
- Acredita que a integração ocorre de alguma forma em seu campus?
Como?
- A leitura é atividade frequente em suas aulas?
Como ela ocorre?
(Se não ocorre, porque não?)
- Você considera a habilidade de compreender textos importante para a aprendizagem de sua disciplina?
- Você acredita que a interdisciplinaridade é possível?
(Se não acreditar, perguntar: Pensa ser a sua disciplina específica demais?
Por quê?
)/ (Se acreditar, perguntar: A interdisciplinaridade ocorre em suas atividades?)

Como?

)

- Você acredita que ensinar leitura ou compreensão textual é papel do professor de Português e dos docentes?

Por quê?

Observamos pelo roteiro que é necessário, neste artigo, discutirmos alguns pontos importantes da compreensão das análises realizadas, portanto, antes de iniciarmos a discussão da leitura no ensino médio, é necessário discutir a concepção de Ensino Médio Integrado. Torna-se importante afirmar que não apenas pensaremos na proposta e na concepção dessa modalidade por ser o locus da pesquisa (já que os participantes lecionam em IF e na modalidade integrada) e em como ela afeta o processo ensino-aprendizagem. A criação dos IF, a partir da lei 11.892/2008, trouxe para o cenário da educação profissional o Ensino Médio Integrado (uma das modalidades da educação técnica ofertada pelos IF – os quais oferecem modalidades subsequente e concomitante). Assim, concentrar-nos-emos no EMI (Ensino Médio Integrado). Bastante polêmica, a definição de EMI passa pela ideia de que a educação técnica deve constituir-se não apenas para não se preocupar apenas com a formação profissional, mas com a formação cidadã. Sabemos que, pelo Decreto nº 5.154/2004, a ideia de formação integrada foi posta em evidência, mas em que ela impli-

A ideia de formação integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigindo-se à formação integral. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao aspecto técnico e simplificado, descolado dos conhecimentos que estão na sua gênese científica e na sua apropriação histórico social. Como formação humana, o que se busca é a formação do adolescente, do jovem e do adulto trabalhador com o direito a uma formação integral que permita a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a uma comunidade dignamente à sua sociedade política. Formação que, nesse sentido, supõe a compreensão das relações subjacentes a todos os fenômenos. (CIAVATTA, 2012, p.85) A formação integrada implicaria na politécnica (a qual discutiremos melhor adiante) que buscaria responder às necessidades do cidadão e do mundo do trabalho (de modo que com o advento da tecnologia precisa de um profissional a cada dia mais qualificado com capacidade de adaptar-se facilmente às diversas situações). Pode-se dizer que a formação integrada, proposta no EMI, espelha as contradições da tentativa de associar-se à educação socialista – ao propor a politécnica – e à natureza capitalista que é em favor do mercado. No Brasil, isso é claramente observado, pois a educação tornou-se voltada para um dualismo de classes ainda que se tenha democratizado o ensino.

A origem recente da ideia de integração entre a formação geral e a educação

no Brasil, está na busca da superação do tradicional dualismo da sociedade brasileira e nas lutas pela democracia e em defesa da escola pública no particularmente, no primeiro projeto de LDB, elaborado logo após e em conformância com os princípios de educação na Constituição de 1988. (CIAVATTA, 2012, p. 10). Nesse sentido, é após a abertura que ocorre uma discussão sobre como se deve fazer a educação no novo momento. Nessa nova configuração, o EMI pretende um trabalho com princípio educativo e formar cidadãos capazes de atuar em qualquer área, de refletir a respeito de questões científico-tecnológicas, aparentemente ensino politécnico. **Os voluntários** Sabemos que quatro professores participantes da pesquisa, nenhum deles teve formação na docência, são bacharéis em Engenharia ou Ciências da Computação e tecnólogos em Física Médica; formados em cursos públicos em cursos voltados ao trabalho nos setores secundário e terciário eles, em geral, não frequentam eventos ligados à área pedagógica, mas participam de participação a eventos da área técnica, isso traz problemas que se refletem na aula. Observa-se na fala dos professores que a preocupação com a docência não associa a nada de sua formação acadêmica. A maioria (75%) desconhece totalmente a área pedagógica, em seus cursos estudaram apenas disciplinas e conteúdos ligados aos conhecimentos de seus bacharelados. Um dos voluntários trouxe questões fundamentais para pesquisa ao afirmar que gosta de dar aula e sente a necessidade de um diálogo maior entre o setor pedagógico e o setor técnico para que haja um melhor entendimento do que é dar aula. Ele chega a dizer que gostaria de ter orientado sua formação não trouxe quaisquer elementos que pudessem fazer dele um professor que ao iniciar a docência, precisou se preocupar saber como dar aula. Um voluntário acredita que essa preocupação deve ser de grande parte dos professores da área técnica, pois ele, em seus conhecimentos, vê que a maioria dos engenheiros não conhece e que hoje são professores realmente não quis ser professor. Eles são professores por razões várias, sejam elas financeiras ou não, mas não por vocacional.

Professor 1: *“A gente do bacharelado em engenharia tem um grande problema em aprender a dar aula, a gente aprende aqui na pancada então não é algo que a gente desenvolveu no curso, a maioria dos meus colegas que são engenheiros não pensam em ser professor, a gente é professor por um acaso, por uma necessidade, por uma situação particularmente, eu gosto muito de ser professor.”*

Também a instituição não ofertou curso que de fato pudesse auxiliar esse trabalho com a educação básica; os docentes entrevistados citaram que lhes foram oferecidos apenas um treinamento de poucas horas – no máximo 20 – quando forar

pela instituição.

Professor 2: *“Até o momento o curso que a gente tem é um curso inicial que foi, Reitoria para meio que atualizar a gente nos processos internos do Instituto, por éramos novatos na época, foi um curso de 20 horas.”*

Professor 3: *“Não e a gente teve uma capacitação mas muito curta de dois dias.”*

Os cursos ofertados, em geral, limitavam-se a descrever e ambientar os docentes às regras da instituição, mas não se preocupavam com a problemática da prática docente. Isso revela um descaso institucional já que a própria lei afirma que docentes devem realizar cursos ligados à prática pedagógica ou cursarem licenciatura. Apenas um docente teve acesso a curso na área pedagógica, ofertado por quem trabalhou antes de ser professor no IF, sobre o curso, afirmou ter aprendido muito para ele, pois nunca havia exercido a profissão anteriormente e comentando que entendeu melhor o processo de ensino, sobre isso comentou:

Professor 4: *“Mas assim é muito interessante essa questão de ver o outro interagir, começar a dizer vamos construir você e você não sabe nada, aproveitar da vida, esse conhecimento que se tem e trazer pra disciplina, e fazer esse elo de ligação, possa facilitar, e ele trazer esse conhecimento. Eu aprendi muito forte isso nos cursos do conhecimento dele, e desse conhecimento dele construir um novo conhecimen*

Vemos nessa fala que há, neste voluntário, uma consciência do fazer pedagógico, uma noção teórica proporcionada por esse curso que norteia ser trabalho e prática docente de forma positiva, pois ele tem um alicerce para a construção do planejamento: o partir do conhecimento empírico do aluno para que ele possa aplicar melhor as teorias dadas em sala de aula. Vemos nas entrevistas que os docentes reconhecem a necessidade de estarem mais ligados às questões pedagógicas e frequentam eventos da área o que pode revelar uma discordância entre a fala e a prática de alguns dos voluntários. Apenas um dos voluntários afirmou frequentar eventos de educação, mas estes não são voltados à pedagogia em si, mas a sua área que é a Informática Educativa.

Professor 3: *“A minha área de atuação em informática na educação, então no CIB Internacional de Informática na Educação eu vou.”*

Podemos afirmar, pois, que os professores entrevistados, embora atuem na área básica, não possuem formação na área e, em maioria, não fizeram cursos voltados à docência, isso traz certa angústia a eles, por sentirem a necessidade de conhecer melhor a área pedagógica para auxiliar sua prática docente. **A leitura** Em discussões com professores dos diversos componentes curriculares é comum a reclamação a respeito da falta de habilidade discente na análise e interpretação textual o que provoca uma falha no processo de ensino, pois muitos conseguem ter um bom desempenho nas aulas por não compreenderem os textos que são oferecidos como suporte. Essa discussão traz à tona um problema que

educação: o compreender textos, o letramento, é bastante falho no país. Ao questionamento da capacidade profissional do egresso do ensino técnico interpretar textos e não expressar com facilidade suas ideias, pode ter dificuldade de ingressar num mercado competitivo que exige não mais um especialista, mas um profissional que saiba lidar com diferentes situações, resolver problemas imprevistos, ser flexível e multifuncional e capaz de estar sempre aprendendo. Assim, é importante pesquisar o papel da leitura no ensino técnico, pois esta forma profissionais para o mercado de trabalho e tem por objetivo não uma formação tecnicista, mas uma formação completa que forme um homem plural capaz de ter uma visão crítica de mundo e aplicar todo o conhecimento adquirido para resolver os diversos problemas da realidade. Portanto, que ensinar a leitura é fundamental também na educação técnica. Há a necessidade de que se conheçam gêneros específicos, aos quais muitas vezes não há acesso cotidiano. Por isso o professor precisa apresentar esses gêneros em diferentes formas de compreender melhor esses textos que agora são leitura para estudo e deleite, à qual temos acesso mais frequentemente. Assim:

Não se ensina a estudar um texto acadêmico como se ensina a ler um poema (...). O estudo e a reflexão supõem o uso de recursos como sublinhar, margem de texto, marcas diversas que orientem a leitura, fichamento, resumo. Esses recursos possibilitam compreender o texto, investigar e ordenar as ideias. Enfim, possibilitam estudar o texto. Para dominar esses recursos, é necessário aprender como fazer, é necessário aprender procedimentos intelectuais que são próprios de quem tem o domínio da leitura. Para passar os olhos pelo texto e conseguir localizar tópicos importantes que serão aprofundados posteriormente, examinar a bibliografia do livro e verificar a metodologia, examinar o índice e perceber a temática e tantos outros procedimentos são intuitivos para o leitor maduro, mas que são muito difíceis para os inexperientes nesse tipo de leitura. (CASTELLO-PEREIRA, 2003, p.16) Para que haja uma integração entre as disciplinas em seu campus:

Professor 1: *“Não houve realmente, eu acho que devia haver, eu já tentei fazer isso quando eu estava em Palmeira dos Índios. Eu fiz uma disciplina com outros professores e acho muito interessante essa disciplina, que inclusive é que eu trabalho hoje, de projeto com professor de segurança do trabalho e de empreendedorismo, e eu vi que é viável”*

especificamente com as disciplinas do núcleo comum, da formação geral, eu nun

Essa fala revela uma realidade presente nos Institutos Federais em que não há preocupação em aproximar os professores da área técnica da área pedagógica da área de Formação geral, embora a própria lei de criação dos institutos afirme a necessidade de integrar as disciplinas do núcleo comum as da área de Formação geral. A necessidade de integração nos leva a discutir, ainda que inicialmente, a interdisciplinaridade dentro do campus pesquisado. Verificamos na fala dos entrevistados que ela é incipiente o que mostra que a integração ainda está ocorrendo apenas em nível de observação. Observamos nas falas dos professores entrevistados que eles não compreendem a interdisciplinaridade, na maioria dos casos, apenas entre as disciplinas do núcleo comum com disciplinas da formação geral. Muitas vezes ao citar a interdisciplinaridade, os professores limitam-se ao uso de um conhecimento técnico para a aprendizagem da disciplina geral e não há uma real integração; o que revela que o conceito de interdisciplinaridade não está claro para os docentes devido à falta de contato com teorias da área pedagógica.

Professor 2: *“Com o técnico é quase que direta a integração, muita coisa que a sala tem que fazer integração com outras disciplinas; inclusive projetos que podem ser feitos com um conjunto de disciplinas. Em relação ao núcleo comum há sim com a formação geral, acredito que por ser da informática é possível, porque hoje a informática é um meio para diversos fins teria que ter um diálogo mais trabalhado, porque a coisa direta. Por exemplo, poderia aplicar o banco de dados pra resolver um problema da disciplina de Geografia por exemplo.”*

Apenas um dos docentes enxerga a possibilidade de articulação direta e necessária entre a disciplina que leciona, a qual é na área de engenharia elétrica, e as disciplinas do núcleo comum como de Português e de História, pois ele acredita que elas muito pouco contribuem para a compreensão de sua área e para uma formação mais global. Este docente também não frequentou cursos da área pedagógica, por seus anos de experiência. Ele reconhece a necessidade de integração de fato ocorra não havendo uma fragmentação dos conteúdos. O interessante na fala deste docente é que ele reconhece que com a Língua Portuguesa para que as estratégias de leitura e o contato com os gêneros necessários sejam feitos de forma mais consciente pode contribuir para que seus alunos compreendam as normas necessárias para construção de instalações prediais, aprendam a fazer cálculos e interpretar gráficos, e o docente tem consciência da necessidade da leitura de diversos gêneros para a integração do conhecimento da técnica de leitura, do ensino da leitura, e do contato com os gêneros necessários para que os alunos possam compreender e aplicar o conhecimento que pode contribuir para uma formação sólida como propõe o projeto da escola.

Professor 1: *“Eu vejo que eu tinha necessidade de muita coisa principalmente de leitura e como passar isso para os alunos. Isso é uma falha que a gente tem, é que eu trabalhava junto com professor de Português com professor de História na part*

*coisa aí que pode ser como evoluiu (em relação ao setor elétrico), eu acho que p
interessante.”*

Não apenas o Professor 1 revela a preocupação com a leitura, todos a reco um elemento fundamental para suas aulas, pois os alunos precisam compr de gêneros específicos da área técnica; entretanto os entrevistados admitem a questão da leitura em suas aulas. A questão da leitura foi, portanto, bast durante a entrevista e observamos que alguns docentes não tinham a consi textos não se limitam apenas a alguns gêneros mais comumente trat exemplo, um deles citou que não trabalha com texto e em seguida falou q de código, de formas de elaborar programas, era fundamental para a leciona, como se a descrição de código, os símbolos e signos utilizados, não f Sabemos que isso é reflexo de uma formação não voltada para o ensino inserção no mercado da indústria ou dos serviços. Se pensarmos que esses d em contato com alunos da Educação Básica que, em geral, desconhecer gêneros da educação técnica e que muitas vezes têm um contato apenas deleite, vemos na fala dos docentes um problema grave para ensino-aprendizagem, pois a leitura para trabalho requer habilidades que a não requer e isto precisa ser ensinado aos discentes para que eles po compreender conteúdos e realizar inferências constituindo o seu aprendizad abordada em aula.

A leitura é um dos meios de um indivíduo manter-se informado e aprender esferas do interesse humano. É chave mestra condição por excelência ensino-aprendizagem. A leitura de um texto é instrumento básico para o p tem a consistência de um documento e pode ser examinado sempre q possibilitando a aquisição de informações, novos conceitos, análise e reflexão grau de ensino. Quaisquer que sejam as estratégias de ensino, sua base repc parte das vezes, na capacidade de um aluno compreender o texto. (VIEIRA, Para que o aluno de fato se informe, aprenda, compreenda os textos apresentados, são necessárias habilidades e estratégias de leitura que ensinadas,

O papel do professor, no diálogo leitor-texto-autor, é o de provocador ou i fim de tornar o aluno sujeito do ato de ler, disponibilizando-lhe estratégia: jogar com as possibilidades de previsão e confirmação de hipóteses, como diferentes tipos de leitura em diferentes tipos de texto. (VIEIRA, 200 professores entrevistados admitem que todos os professores devem ensina isso aparece mais com uma ideia de incentivo ao ato de ler ou como uma int

professor que facilite a aprendizagem e não como o ensino das estratégias e técnicas que o aluno construa os seus conceitos a partir dela.

Professor 3: “*Eu acredito que todos os professores deveriam incentivar a leitura técnica que muitos alunos têm uma boa leitura precária ele tem dificuldade no aproximação com o texto.*”

Professor 4: “*Com certeza de todos os professores, porque a gente tá aqui como dessa informação, do acesso a todos os conhecimentos que a gente já teve, voltar didática, é pegar esse conhecimento que é complicado e você remodelar de uma fácil.*”

Precisamos lembrar, entretanto, que, em nosso caso, essas habilidades e técnicas de leitura são desconhecidas mesmo dos docentes; e como a interdisciplinaridade e muitas vezes a responsabilidade de ensinar leitura recai apenas sobre o Português, os discentes têm extrema dificuldade de lidar com os textos técnicos são em geral novos para eles e não são trabalhados fora do núcleo técnico dos currículos. O problema é tão grave que chega a afetar a ementa da disciplina portuguesa, pois no quarto ano ela deveria ser voltada para os textos que serão trabalhados por estes alunos em sua atuação profissional e, ao analisarmos a ementa dos textos citados pelos docentes voluntários, vemos que não há um ponto de encontro entre ambos: gêneros trabalhados no quarto ano não são necessários à prática dos docentes daqueles que fazem o curso médio integrado. Essa disparidade mostra a distância entre professores do núcleo comum e professores da área técnica – no ambiente de trabalho seja bastante agradável, como citado por um dos docentes. Não há um relacionamento entre os profissionais bastante amigável – não há informações pedagógicas e isso atrapalha o processo de ensino e aprendizagem chamado ensino médio integrado. Sabemos que este diálogo é necessário para o estabelecimento não apenas de um ensino de fato integrado, interdisciplinar especialmente para garantir uma aprendizagem significativa que leve o discente ao ensino profissional e possibilite a ele seguir seus estudos no nível superior.

Referências bibliográficas BRASIL. Lei nº. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, cria a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria as Instituições Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1, 30/12/2008. CASTELLO-PEREIRA, Leda Tessari. **Leitura para estudar e estudar para aprender a ler**. Campinas, SP: Editora MACHADO, Lucília R. de Souza. **Politecnicidade, escola unitária e trabalho**. Cortez, 1989. RAMOS, Marise. “Possibilidades e desafio na organização do ensino médio integrado”. IN.: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). **Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. \

Teixeira. "*Ler para aprender. Uma concepção de leitura.*" In: XAVIER, ME. ***educação escolar: história, políticas e práticas***. Campinas, SP: Editora 2007, Volume I, p. 167 -182.

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Bacharel e Letras – Português pela Universidade de São Paulo – USP, professora efetiva da Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Campus Arapiraca. E-mail: drikalagoas@hotmail.

Recebido em: 04/07/2016

Aprovado em: 04/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlot

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: